

14512 - As múltiplas dimensões da agroecologia: uma prática social complexa

The multiple dimensions of agroecology: a complex social practice

SALDANHA, João Carlos do Nascimento¹; FONTINELLI, Davi Scárdua²; BISSOLI, Luiza Duarte³

1 Universidade Federal do Espírito Santo - UFES, profsaldanha@hotmail.com; 2 UFES, davifontinelli@gmail.com; 3 UFES, luizabissoli@gmail.com

Resumo: Considerando que a agroecologia constitui-se de uma prática social complexa, podemos afirmar que a mesma envolve as dimensões ecológicas, sociais, econômicas, políticas e culturais. Estas múltiplas dimensões foram observadas entre os agricultores familiares no estado do Espírito Santo, através da vivência em campo, realizada pelo Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Agroecologia da UFES. Tendo em vista o papel dos agroecólogos de compreender a dinâmica complexa dos agroecossistemas diversificados e localmente adaptados, procuramos, identificar aspectos das múltiplas dimensões agroecológicas vivenciadas pelos agricultores camponeses - Disputa Territorial; Segurança alimentar; Sistemas de produção; Educação; Cultura e Comercialização. As conclusões a que chegamos remetem às questões epistemológicas, relacionadas aos limites das ciências modernas e da lógica da racionalidade hegemônica em compreender as iniciativas e os movimentos alternativos.

Palavras-chave: agroecologia; prática social; complexidade; campesinato.

Abstract: Considering that agroecology constitutes a complex social practice, we can state that it approaches ecological, social, economic, political and cultural aspects. These multiple dimensions were observed among family farmers in the state of Espírito Santo, through experience in field, conducted by the Center for Teaching Research and Extension in Agroecology (NEPEA) of the UFES. Given the role of agroecologists to understand the complex dynamics of diversified and locally adapted agroecosystems, we tried, along with the different communities, to identify the multiple agroecological dimensions experienced in the region - Territorial Dispute, Food Security, Production Systems, Education, Culture and Commercialization. The conclusions refer to epistemological issues related to the limits of modern science and the logic of hegemonic rationality to understand the initiatives and alternative movements.

Keywords: agroecology; social practice; complexity; peasant.

Introdução

O presente texto parte da compreensão de que a agroecologia constitui-se como uma prática social complexa, que envolve as dimensões ecológicas, sociais, econômicas, políticas e culturais. Essas múltiplas dimensões foram observadas entre os agricultores familiares no estado do Espírito Santo, através da vivência em campo, realizada pelo Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Agroecologia (NEPEA) do estado.

Para definir agroecologia tomamos como referência as reflexões de Miguel Altieri (2004) que elaborou as bases científicas da agroecologia, definida como a disciplina que disponibiliza os princípios ecológicos básicos para estudar, projetar e manejar formas de agricultura, conservando os recursos naturais. Para Altieri (2004), o papel dos agroecólogos é compreender a dinâmica complexa dos agroecossistemas diversificados e localmente adaptados que se desenvolveram durante séculos com base na autonomia inventiva e no conhecimento experimental dos agricultores. Na

agroecologia as informações dos agricultores tradicionais são extraídas do meio ambiente por meio de sistemas especiais de percepção e cognição; ou seja, se baseia na observação e na aprendizagem empírica.

Neste sentido, é necessário estabelecer o diálogo entre os agroecólogos e os agricultores tradicionais. Com isto, os agroecólogos aprendem que os agroecossistemas tradicionais têm como características a prevalência de sistemas complexos e diversificados e a interação entre cultivos, animais e árvores que resulta na fertilidade do solo e maior controle de pragas. Aprendem também que o funcionamento dos agroecossistemas depende das relações entre a biodiversidade do local. Nesta perspectiva epistemológica, torna-se fundamental um olhar atento para os saberes tradicionais, tão subestimados pela ciência moderna.

Metodologia

As observações e reflexões elaboradas neste texto partiram das pesquisas realizadas com quilombolas, pequenos agricultores e assentados no estado do Espírito Santo. As pesquisas foram realizadas durante a implantação do NEPEA-UFES, num universo empírico que englobou 63 unidades familiares de produção. Os quilombolas vivem em pequenas comunidades localizadas no norte do estado, no território denominada por “Sapê do Norte”; os pequenos agricultores estão distribuídos nas diferentes regiões do estado e os assentados da residem em assentamentos rurais criados pelo poder público.

O diálogo com os agricultores foi mediado pela aplicação de questionários e mapeamento participativo em que apresentavam a cartografia dos seus agroecossistemas. A intenção era compreender a percepção dos agricultores acerca das suas práticas agroecológicas. Esta primeira aproximação contribuiu para identificar e caracterizar os sujeitos sociais com os quais dialogamos. No entanto, além da aplicação de instrumentos relacionados acima, adotou-se também as vivências de campo, com permanência nos locais durante o tempo de realização das pesquisas. Dessa maneira, foi possível participar do cotidiano das comunidades e estabelecer interações que permitissem identificar aspectos não contemplados inicialmente. Como resultado, ampliou-se a percepção acerca dos aspectos que se articulam em torno das práticas agroecológicas e que estão descritos nos itens a seguir

Resultados e discussões

i. Disputa Territorial

Em razão de concepções distintas em relação ao uso da terra, a agroecologia resulta em disputas por territórios decorrentes dos conflitos entre o modelo da agricultura convencional e da agricultura familiar camponesa. Esta situação evidenciou-se, sobretudo, nas comunidades quilombolas do norte do estado, que disputam territórios com a expansão do cultivo de eucalipto para produção de carvão e celulose. São comunidades que historicamente estabelecem suas relações com o ambiente, buscando garantir sua reprodução social e econômica, de forma harmônica e equilibrada com o meio ambiente. No entanto, com a chegada, na década de 1960 das empresas de plantio de eucalipto, estas comunidades tiveram

seus territórios paulatinamente reduzidos e o meio ambiente alterado. Durante as visitas de campo a essas comunidades, foram relatadas ações para a recuperação da Lagoa do Murici que teve seus recursos hídricos drenados em razão da expansão do cultivo do eucalipto. O primeiro passo adotado foi a retomada da área da lagoa com a derrubada dos eucaliptos e o plantio de mudas nativas (murici, biriba, e outras mais). Neste caso o acesso a terra se coloca condição primordial na construção da agroecologia.

ii. Segurança alimentar

Outro aspecto observado em campo, principalmente entre os assentados e pequenos agricultores, foi o fato de que as práticas agroecológicas propiciam o acesso a alimentos limpos e saudáveis produzidos nos próprios lotes, o que pode ser considerado inclusive como uma estratégia econômica, na medida em que deixam de comprar no mercado parte substantiva da alimentação. Com a utilização das práticas sustentáveis, os agricultores passaram a ter acesso a uma gama maior de produtos para alimentação da família e da comunidade. Em campo foram feitos inúmeros relatos a este respeito, além disto, durante as vivências a alimentação das equipes de pesquisa foi preparada pelos próprios agricultores em grande parte com produtos dos lotes.

iii. Sistema de Produção

A adoção de práticas agroecológicas implica no redesenho dos agroecossistemas tornando-os sustentáveis. Como observa Altieri (2004), os agricultores se apresentam como “imitadores de florestas”, onde procuram reproduzir os processos ecológicos ocorridos na natureza. Nos diferentes ecossistemas são aplicadas técnicas específicas em razão das particularidades de cada local. Entre os grupos visitados foram observados consorciamentos, rotação de culturas, sistemas agroflorestais, hortas e manejo de recursos hídricos, revelando um extenso acervo de formas de manejo elaboradas cotidianamente por meio da observação e experimentação, transmitidas de geração para geração.

iv. Educação

Na construção dos conhecimentos agroecológicos foram observadas as participações das famílias e das organizações dos movimentos sociais. No entanto, destacou-se a influência das Escolas Famílias Agrícolas (EFA) e dos Centros Estaduais de Educação Rural (CEIER). Tais escolas estão relacionadas à Educação do Campo, ou seja, são pensadas a partir dessa realidade. As EFAs, por exemplo, funcionam a partir da pedagogia da alternância, que pressupõe que o espaço do saber e do aprender não é somente a escola, são todos os espaços vividos. O estado do Espírito Santo é pioneiro na experiência com as EFAs, somando, no total, 18 escolas. As EFAs visitadas são ligadas à Regional das Associações de Centros Familiares de Formação em Alternância (RACEFFAES), que incluem a agroecologia no projeto político pedagógico.

Algumas das experiências identificadas mostram que o fortalecimento da opção pela agroecologia está ligada à educação formal em EFAs e CEIERS. Notou-se que muitos dos jovens envolvidos com as práticas agroecológicas estudavam ou haviam estudado em EFAs ou CEIERS. Vários relatos mostraram a associação da

permanência no campo com a opção pela agroecologia com os aprendizados adquiridos nas escolas

v. Cultura

Durante a pesquisa de campo, foi possível perceber que os aspectos culturais se evidenciam nas práticas agroecológicas a partir da forma de se fazer agricultura, de beneficiar os alimentos, do artesanato, da construção das casas e nos rituais e cerimônias. No Assentamento 13 de maio, localizado no município de Nova Venécia, a comunidade local, junto à Comissão Pastoral da Terra (CPT), há 11 anos fizeram a primeira Festa da Cultura Camponesa no assentamento. Segundo relatos, a festa vinha com o objetivo de proporcionar uma interação entre as famílias a partir do resgate da cultura local.

A partir da festa, construída coletivamente, fortaleceram-se outras relações entre as famílias, e os resgates se deram também no âmbito das formas de se fazer agricultura, uma vez que também questionavam o modelo padronizado e danoso atribuído à agricultura convencional. Esta experiência foi rica no sentido de entender o papel da cultura e dos festejos na construção da agroecologia. Este ano a festa encontra-se em sua 11ª edição com ensinamentos acerca da coletividade e da cultura camponesa no Espírito Santo.

vi. Comercialização

Com as famílias visitadas observou-se que além de produzir para o consumo também conseguem obter renda comercializando os excedentes. As formas de comercialização mencionadas giram em torno dos mercados institucionais como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e da venda direta nas feiras municipais e mercados como a Loja de Produtos Orgânicos de Nova Venécia e o Mercado Popular de Alimentos em São Gabriel da Palha.

Os mercados institucionais foram mencionados nos relatos como formas eficientes de comercialização. Muitas famílias conhecem e acessam essas políticas públicas e grande parte dos que não acessam se interessam em participar. No entanto, muitas ainda têm dificuldades de lidar com as burocracias. As feiras municipais também são bastante utilizadas na comercialização, pois além de proporcionar a venda dos produtos, também são espaços de aproximação e troca de conhecimentos entre produtores e consumidores.

Conclusões

As conclusões a que se chega estão relacionadas ao processo de construção do conhecimento e da relação homem-natureza. São questões epistemológicas que evidenciam os limites das ciências modernas em compreender as iniciativas e os movimentos alternativos que escapam à lógica da racionalidade hegemônica. Boaventura de Sousa Santos (2006, p.18) a define como “razão indolente”, que “encontra-se subjacente ao conhecimento hegemônico, tanto filosófico como científico, produzido no ocidente nos últimos duzentos anos”. Esta racionalidade

conferiu privilégios à ciência moderna em detrimento das formas de conhecimento não científico e tornou invisíveis as iniciativas e os movimentos alternativos e contra hegemônicos. Com isto, coloca-se em debate a neutralidade científica e os limites da separação na relação pesquisador e pesquisado; sujeito e objeto. Escobar (2000) diz que os locais possuem, muitas vezes, modelos próprios e tradicionais de interpretar a natureza. A defesa ao local que ele propõe é política e epistemológica, com um discurso anti-essencialista do diferente. Para ele, existem dinâmicas sócio e eco-culturais complexas.

A este respeito Leff (2006) aponta que o protótipo da racionalidade formal (ou seja, da modernidade) é o quanto ela está expressa no econômico e subordina o instrumental, depredando a natureza e padronizando modos de vida. Esta postura implica na necessidade de se pensar um modelo diferente de racionalidade, que Santos (acesso em 21 de julho de 2013, p.4) propõe como “racionalidade cosmopolita”, que valoriza e torna visível a “inesgotável experiência social que está em curso no mundo de hoje”. As situações observadas na pesquisas de campo revelam este arcabouço de iniciativas e movimentos que propõem uma nova racionalidade nas relações homem e natureza.

Agradecimentos

Aos agricultores camponeses pela acolhida em seus lares.

Referências bibliográficas:

ALTIERI, Miguel. Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável / 4.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004

SANTOS, Boaventura de Souza. **Conhecimento prudente para uma vida decente:** um discurso sobre as ciências revisitado. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências.** Disponível em: <www.ces.uc.pt/bss/documentos/sociologia_das_ausencias.pdf>, acesso em 21 de julho de 2013.

ESCOBAR, Arturo. **El lugar de la naturaleza y la naturaleza del lugar:** ¿globalización o postdesarrollo? In: E. Lander. **La colonialidad del saber:** eurocentrismo y ciencias sociales perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, p. 113-143, 2000.

LEFF, Enrique. **Racionalidade Ambiental: a reapropriação social da natureza.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.